

Dhaka - O último dia. Hoje, dia 16 de Dezembro é o Dia da Independência (1971), feriado nacional, celebrado intensamente em todo o país – todos os locais estão cobertos com bandeiras do Bangladesh, numa mostra de patriotismo. Mas para nós é sobretudo um dia importante porque é o nosso último dia e restavam-nos muitas coisas para fazer.

Durante a manhã ficámos pela zona da Guest House a finalizar alguns assuntos pendentes (*ex: receber 110 almofadas para as casas que só hoje foram entregues*).

Por volta das 3h resolvemos ir os três – Víctor, Maria e Sofia – almoçar a um restaurante Chinês. Estávamos já a meio da refeição quando reparámos que a mesa do lado nos olhava de forma insistente. Acabaram para nos fazer sinal para que nos juntássemos a eles. E lá fomos nós. Era a festa de anos de um dos senhores, o Aimon, ...que estava acompanhado pela mulher e por três amigos. Cantámos todos juntos os parabéns, com um bolo fantástico com uma decoração a dizer “Merry Christmas”.



Partilhámos o bolo...e quando achamos que estava na hora de regressar à nossa mesa, percebemos que os nossos anfitriões tinham começado a pedir mais comida e bebida para a mesa para nós os três (*isto depois do bolo...*). Ou seja, definitivamente tínhamos passado a fazer parte da festa de anos. Lá ficámos a conversar e a comer com aquele grupo tão simpático e acolhedor, acabando mesmo por perceber que vivem perto do local onde se encontra o Dhaka Project (*ficou logo uma promessa de uma visita amanhã*). A senhora, num gesto de amizade, ofereceu à Maria e à Sofia parte das suas pulseiras (*tipo pulseiras “escravas”*). Tiraram-se várias fotografias, trocaram-se números de telefone...fizeram-se amigos! No fim fizeram questão de nos oferecer o nosso almoço! No final da nossa estadia ainda continuamos a ser surpreendidos pelo acolhimento do povo Bangladeshi e a simplicidade dos seus gestos. Olham para nós como pessoas, independentemente da cor de pele, traje, língua, etc.

Partimos depois para as compras...pois tanto a Sofia como o Víctor queriam levar algumas lembranças para casa. Juntou-se a nós o Fairoz, um professor de economia de uma das melhores escolas do Bangladesh que está a colaborar com a Maria na abertura de uma nova escola que vai introduzir o “International Curriculum”. O Fairoz dá apoio no recrutamento de professores, na definição do programa e horários etc, ficando ainda como responsável da escola após a sua abertura a 15 Janeiro 2008.

No entanto, as compras tiveram que ser muito rápidas, pois a Maria ainda tinha uma missão importante para nós: ir visitar um bairro de lata que se situa no meio da melhor zona de Dhaka e cujo acesso se faz unicamente de barco. Ou seja visitar um bairro lata, sozinhos com sacos de compras e numa noite sem lua ! Não admira haver grandes receios por parte da Sofia, apesar da curiosidade de nós os 4 em conhecer o bairro para ver como eventualmente mais tarde se poderia ajudar.

La contratámos um barqueiro que nos levou num junco periclitante, através de um lago, pelo breu absoluto em direcção à ilha onde se situa o bairro. Atracámos e fomos logo acolhidos por uma comitiva que nos acompanhou na nossa visita a diversas casas, a perceber se tinham ou não água potável (que tinham), se as crianças iam à escola (*que não vão*), como era o comércio etc.

A simplicidade de recepção que tivemos a honra de ter no restaurante... Tivémo-la também neste bairro esquecido e entalado entre os bairros mais luxuosos de Dhaka. Tivemos a honra de visitar o sistema de água... não existindo água corrente. Há 3 poços,



2 para tomar banho e 1 de água potável com sistema de filtragem. Água que vem do lago...

Também visitámos algumas casas, com televisão por vez, que funciona com bateria (*não há electricidade*) assim como os sanitários, e a cozinha comum.

Nunca tivemos o sentimento de insegurança, as mulheres davam-nos as boas vindas, as crianças pediam-nos para tirar fotos. Os homens estavam a ver a TV... provavelmente um jogo de Cricket ou de Football... parece ser uma lei universal J.

A Sofia ficou com tanta

confiança que até ficou sozinha, inclusive demos por nós cada um em seu canto a falar com as pessoas.

Acabámos por comprar uns bolos de farinha que a Maria e o Feroz provaram. A Sofia e o Vítor, com a viagem de avião pela frente, acharam melhor passar a oferta.

Regressámos tranquilamente com a certeza de que há muito para fazer neste bairro mas também neste país, merecendo a ajuda de todos nós pela riqueza humana que este povo tem apesar da grande pobreza material.

Vamos deixar daqui a umas horas este país, a Maria, as crianças, o Dhaka Project e toda a sua equipa, já sentimos saudades, não realizámos ainda que daqui umas horas estaremos no nosso conforto ocidental, com água corrente, com os nossos hábitos e conforto que não existem nesta parte do mundo. Poderemos esquecer esta experiência ?

Só foi uma aventura ? Ou como alguns poderão pensar uma boas férias ou ainda um sacrifício ? Nada disso... saímos com uma visão diferente do mundo. Uma visão que descobrimos, a Sofia e o Vítor com 40 anos de vida (*a Sofia está a reclamar... diz que e 39 anos, e a Maria obriga-me a corrigir*).

Uma rapariga com 30 anos, na sua simplicidade, sensibilidade e força de vontade, deu-nos uma abertura ao mundo que nunca suspeitámos! Escolheu sair do seu mundo deslumbrante como hospedeira de uma das mais prestigiosas companhias aéreas, vivendo numa das cidades mais abastadas do planeta para estar nos seus tempos livres nos bairros de lata.



Como esquecê-la ? Como esquecer os sorrisos de todas estas crianças que nos pedem quando e que voltemos e que não as esqueçamos ?

Ainda não realizámos que vamos embora. O táxi já está à espera.

Nunca esqueceremos e fica a promessa para a vida, Maria e crianças do Dhaka Project!